

Cadernos

IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 22 | nº 366 | vol. 22 | 2024



Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar

Por que e como a IA generativa pensa e raciocina

Lucia Santaella

Cadernos

IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 22 | nº 366 | vol. 22 | 2024

**Novos dilemas da IA:
a inteligência quer se
expandir e o organismo
quer perdurar**

**Por que e como a IA
generativa pensa e raciocina**

Lucia Santaella

Professora titular do PPG em Comunicação e Semiótica e em
Tecnologias da Inteligência e Design Digital (PUC-SP). Doutora
em Teoria Literária pela PUC-SP e livre-docente em Ciências da
Comunicação pela USP



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXII – Nº 366 – V. 22 – 2024
ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Gabriel dos Anjos Vilardi; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Fragmento da obra “Relativity” de M. C. Escher, 1953 | Peter E | Flickr CC

Revisão: Isaque Gomes Correa

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar

Por que e como a IA generativa pensa e raciocina

Lucia Santaella

Professora titular do PPG em Comunicação e Semiótica e em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (PUC-SP). Doutora em Teoria Literária pela PUC-SP e livre-docente em Ciências da Comunicação pela USP

INTRODUÇÃO

Os dilemas que a IA apresenta e que se acumulam a cada dia, por serem inúmeros e multidimensionais, são preocupantes e até atemorizantes, difíceis de aquilatar e com consequências imprevisíveis. A ciência existe para gerar previsibilidades. No caso da IA, esse quesito está sendo colocado à prova.

Para ficarmos nos dilemas mais frequentemente levantados, encontra-se a questão da regulamentação. O problema das ameaças nucleares foi relativamente regrado, o que não significa superado. Os avanços da biotecnologia e engenharia genética vêm sendo até certo ponto acompanhados por travas éticas. Com a

IA, dado o fato de que está penetrando cada vez mais intimamente no universo humano, limites devem ser interpostos. Outros tipos de dilemas não faltam: consumo quase incomensurável de energia, extrativismo, desafios à governança no defrontamento com o neoliberalismo das *big techs* proprietárias, perda de empregos e futuro do trabalho etc. E como não poderia faltar: as facilitações da IA para a produção e disseminação de *deep fakes*.

Enfim, esses são apenas exemplos de um rol de muitos problemas capazes de explicar por que o tema da IA está sobrecarregado por controvérsias, mal-entendidos, um festival de discursos opinativos, quando as pessoas, como se tivessem atendendo à demanda em um *set* psicanalítico, falam o que vem à cabeça, sem nenhuma preocupação com o fato de que as afirmações cobram o seu preço.

O objetivo deste artigo é pontual, pois está focado especificamente em dois fatos recentes concernentes à IA que vêm causando frisson: o lançamento da OpenAI do modelo o1 que “raciocina como o humano” e o caso relatado por um desenvolvedor de um sistema de IA o qual tentou modificar o seu próprio código. Ambos os casos serão aqui discutidos.

O QUE É PENSAR E RACIOCINAR?

Uma vez que nem todas as referências à novidade da OpenAI, que tinha o nome de *Strawberry* (como se fosse a cereja do bolo da IA generativa) e passou a se chamar o1, coincidem umas com as outras, vou me fiar na apresentação feita pela própria OpenAI.

Trata-se de uma nova série de modelos de raciocí-

nio para resolver problemas difíceis. Esses novos modelos foram projetados para que o sistema passe mais tempo pensando antes de responder. Isso os habilita a raciocinar através de tarefas complexas e resolver problemas mais difíceis em ciência, codificação e matemática, a que os modelos anteriores não estavam habilitados. Para tornar a proposta mais sedutora e mais parecida com o humano (de resto, esse é o sonho da IA desde sempre: ser igual ao humano. Que lástima para a IA!), os desenvolvedores afirmam que, com isso, os modelos passam a raciocinar como os humanos.

A *preview* é seguida de outros detalhes como a criação de uma nova abordagem de treinamento de segurança que aproveita as capacidades de raciocínio dos modelos para fazê-los aderir às diretrizes de segurança e alinhamento. Ao ser capaz de raciocinar sobre as regras de segurança no contexto, pode aplicá-las de forma mais eficaz (ver Chorneyi, 2024; Unlock, 2024).

Há aí algumas palavras-chave que devem assustar os incautos. “Contexto”? Como é possível? De fato, é difícil entender quando se reduz a ideia de contexto ao chão em que nós humanos pisamos e não à noção de contexto também como um sistema de referências internas que faz, por exemplo, a sintaxe das línguas funcionarem. Porém não é essa palavra que chama mais atenção, mas sim a capacidade de raciocinar dos modelos. Para alguns, infelizmente muitos, a capacidade de raciocinar da IA é impossível.

Desde o início da sua ascendência a seu estágio primaveril, depois de alguns invernos, a IA vem sendo acompanhada pela afirmação peremptória de autores respeitáveis de que a IA não é inteligente. Dizer agora que ela raciocina deve ser tido, portanto, como uma

nova ousadia a ser combatida.

Sem confundir com a inteligência humana, nem com o que é chamado de IA geral, que a IA preditiva já é inteligente, pois aprende, princípio magno da inteligência, defendi em outra ocasião (Santaella, 2023). Passo agora a defender que a IA pensa e raciocina. Começo por afirmar que o uso dos conceitos e aplicações do pensar e raciocinar merecem cautela, ou seja, devem partir da presunção de não saber e, conseqüentemente, a necessidade de busca de fontes confiáveis para a compreensão.

No seu B-A-B-A, pensar é uma espécie de ação. Raciocinar é ação autocontrolada. O que é o pensamento? Toda a linguística estruturalista do século 20 nos ensinou convincentemente que, sem a língua, não há pensamento (Saussure, 1969; Hjelmslev, 1975). Então, as diversas correntes de semiótica (discursiva, cultural e filosófica) expandiram esse princípio para todos os tipos de linguagem. O pensamento se corporifica em signos, em linguagens, pois o ato de pensar não tem nenhum ser exceto na medida em que ele se corporifica em signos. Pensar é o fluxo dos signos em ação. Raciocinar é manter essa ação sob autocontrole. Quando o raciocínio é colocado sob escrutínio, essa é justamente a tarefa da lógica crítica. Para que possamos prosseguir é preciso diferenciar a lógica da psicologia, condição *sine qua non* para compreender a capacidade de pensar e raciocinar da IA.

A PSICOLOGIA ESTÁ SOB A LÓGICA E NÃO O CONTRÁRIO

Começamos com a psicologia, cuja experiência nos é mais familiar. Pensar é estabelecer um diálogo interior entre as diferentes temporalidades ou fases do eu. No fluxo ininterrupto do pensamento (que literatos como Joyce, V. Woolf e C. Lispector souberam tão bem expressar), o eu presente apresenta seu pensamento para um eu futuro que vai surgindo no fluxo do tempo. Assim, todo pensamento é dialógico, constatação que é tão antiga quanto Platão (Moraes, 2014). Quando pensamos, estamos conversando com nós mesmos, e quanto mais vasta a nossa imaginação, mais nos tornamos capazes de nos defrontar com uma multiplicidade de possibilidades a favor e contra cada uma das proposições que apresentamos a nós mesmos.

A síntese apresentada por MacDonald (1964, p. 388-389) sobre isso é bastante iluminadora. Diz ele que todo o movimento do pensamento consiste em colocar argumentos contra argumentos, pesando os méritos de cada um, analisando o resultado, para, então, se tomar uma posição. A partir dessa nova posição, começamos novamente a levantar argumentos contra ela. E assim caminhamos, para a frente e para trás, avançando e retrocedendo, para avançar outra vez, até que alguma solução seja encontrada que pareça ter considerado os méritos de cada possibilidade. Claramente, a habilidade para assumir papéis, para imaginar situações diferentes, para ser sensível a objeções e críticas, tendo uma visão de toda a amplitude de um argumento, constitui a verdadeira força do pensamento. É a força criativa da mente, sua habilidade imaginativa, que fica expressa na visão dialógica do pensamento.

É importante considerar, entretanto, que quaisquer diálogos do eu consigo próprio, ou seja, o pensamento interior, são híbridos, misturados com sentimentos, emoções, desejo, vontade, querer, tudo ao mesmo tempo. Além disso, nos assuntos cotidianos, nossas conclusões são centenas de vezes, enquanto existimos, checadas e corrigidas pela comparação com os fatos, pois a experiência é a nossa grande mestra. É nesse ponto que se estabelece a distinção entre o pensamento e o raciocínio lógico. Este implica o afastamento de todas essas misturas.

A lógica lida com a estrutura do raciocínio. Não com a sua textura, nem com os sentimentos concomitantes, os avanços e recuos, que estão associados ao processo em si do pensamento em ato. Ao descrever as estruturas do raciocínio, abstraídas das experiências interiores do pensamento, a lógica observa o raciocínio tal como ele ocorreria caso não houvesse sentimento, desejo ou vontade. Quando esses elementos subjetivos são isolados, a estrutura do pensamento é mais ou menos semelhante para todas as mentes, representando, de certo modo, seu aspecto universal, quer dizer, regrado pela lógica.

Assim, as representações lógicas do raciocínio buscam captar as inferências livres das apreciações, depreciações, esperanças, medos, alegrias, dores e angústias que, permanentemente nos acompanhando, também as acompanham. Assim, as inferências lógicas são igualmente livres daquela vaga e obscura, mas sempre presente, penumbra do inconsciente. O que a lógica nos dá, portanto, é o esqueleto regrado da vida do pensamento, uma apresentação de sua forma desprovida de seus conteúdos específicos, contextos, texturas e

qualidades sentidas. É aqui que se estabelece também a distinção entre raciocínio e cognição, pois esta envolve todos esses aspectos (ver Santaella, 2004, cap. 4). Não é sem razão, portanto, que a lógica apresenta a especificidade de uma linguagem própria, livre das ambiguidades e dos ardis das línguas que falamos. Resta apenas mais um esclarecimento antes da transposição para a IA daquilo que foi aqui exposto.

OS TRÊS TIPOS DE RACIOCÍNIO

É preciso enfatizar que, por afastar as vicissitudes da vivência psicológica, o raciocínio humano não deve ser considerado meramente uma questão de se extrair inferências a partir de experiências e premissas passadas. Ele também é a visão criativa de inúmeras possibilidades, a arte de prever consequências futuras, não apenas aquelas mais óbvias, mas também as possibilidades abrangentes e de longo alcance. A imaginação, junto com a acuidade analítica, forma a coluna dorsal do raciocínio.

Na maior parte das vezes, contudo, o pensamento humano flui de modo errático. Quanto menos colocado sob a ação do autocontrole, tanto mais ele prossegue sem eira nem beira, ao sabor de distrações, lembranças e tensões interiores, coagido pela percepção e imposições externas. Quando apresenta um arremedo de coerência, o pensamento prossegue ao sabor das associações de ideias regido pela força das semelhanças e correspondências ou das contiguidades, quer dizer, partes pelo todo. Isso poderia ser chamado de raciocínio associativo. O raciocínio lógico, entretanto, é de outra ordem e ele apresenta três tipos que são também tomados como métodos de investigação especialmente

nas ciências, na matemática e na lógica. São eles: o abduutivo (cuja teoria encontra sua autoria originalíssima em C. S. Peirce), o indutivo e o dedutivo.

O mercado pedagógico voltado à metodologia do trabalho científico padronizou e simplificou a explicação desses dois últimos métodos, infelizmente sem qualquer menção a que eles só são possíveis porque seguem regras baseadas em raciocínios. A literatura sobre indução, por exemplo, é complexa e existe desde o filósofo Hume. Não menos complexa é a dedução. Fico, portanto, com a teoria dos raciocínios a que C. S. Peirce dedicou grande parte de sua vida em diálogo com séculos da filosofia.

A abdução é o raciocínio da descoberta, um tipo de inferência em que a mente humana é pródiga. Uma vez que a IA ainda não é capaz do exercício desse raciocínio que é um híbrido entre o instinto e a razão, instintivo e lógico ao mesmo tempo – por enquanto privilégio humano – prossigo para os dois outros tipos de raciocínios, fartamente utilizados nas ciências e na matemática e, certamente, na IA.

As questões relativas à indução e à dedução estão na base dos métodos das ciências, com mais intensidade justamente nos três setores mencionados pela *Preview 01*: ciência, codificação e matemática. Os métodos funcionam porque estão apoiados por raciocínios lógicos, ou seja, indutivos e dedutivos. É das operações que caracterizam os raciocínios que trato aqui. Entrar na imensa complexidade dos métodos matemáticos, lógicos e estatísticos, que estão vigentes nas ciências atuais e na IA extrapola de longe não apenas o escopo da nossa discussão como também os limites do meu conhecimento. O que importa ressaltar é que há modos

de raciocínio que sustentam esses métodos, justo o que interessa para evidenciar que os modelos de IA não apenas pensam, mas também raciocinam.

Recorrer à teoria peirceana dos tipos de inferências lógicas (Peirce, 1993, p. 147-164) nos coloca no meio do caminho entre a trivialização a que estão submetidas as definições de indução e dedução na metodologia científica de cunho pedagógico e a imensa complexidade dos métodos de natureza dedutiva e indutiva empregados nas ciências pesadas, especialmente no seu estado da arte atual.

Embora a matemática e a estatística tenham evoluído de modo impressionante no decorrer do século 20, os *insights* de Peirce sobre os raciocínios que nelas operam continuam bastante válidos. Sobre eles seguem-se breves comentários nos quais vamos reter apenas os princípios indicadores de que a IA seria impossível se não fizesse uso de potentes modos indutivos e dedutivos de raciocinar que estão embutidos nas diferentes lógicas matemático-estatísticas empregadas nas redes neurais.

O TIPO DE RACIOCÍNIO EMBUTIDO NA INDUÇÃO

As redes estão pontilhadas de explanações pedagógicas dos métodos indutivos e dedutivos. Começemos com a indução. Segundo Salomão (2023, n.p.),

A pesquisa indutiva é uma abordagem de pesquisa que envolve a coleta e a análise de dados para desenvolver uma teoria ou hipótese. Nessa abordagem, os pesquisadores começam com observações e dados específicos e, em seguida, trabalham em direção a teorias e conclusões mais gerais. Essa pesquisa é geralmente usada quando se sabe pouco sobre

um tópico ou quando não há uma teoria existente para explicar as observações que estão sendo feitas. O objetivo da pesquisa indutiva é desenvolver uma teoria com base nos dados e usá-la para explicar padrões ou relacionamentos nos dados.

Sem ferir a tradição nem as versões pedagógicas, Peirce desenvolveu uma versão bastante original da indução concebida naquilo que está na sua base, ou seja, seu modo próprio de raciocinar. Segundo Peirce, a hipótese central da indução é a hipótese da realidade, postulada na permanência ou insistência do real. É a hipótese da realidade que nos assegura que raciocínios equivocados tropeçam na realidade. Ou seja, a realidade é a primeira a dizer “não” a nossos equívocos e fantasias porque ela insiste (ver Bacha 2002, 2003). Essa é a hipótese que nos permite distinguir entre um raciocínio bom ou mau. Se duas pessoas discordam sobre a regra de inferência a ser usada, a hipótese da realidade nos assegura que uma delas tropeçará nos fatos, e ambas saberão quem tropeçou e conseqüentemente quem usou o mau raciocínio.

Tendo essa hipótese na sua base, o processo indutivo consiste primariamente em calcular que observações (ou dados) devem ser feitas (ou extraídos), sob condições relevantes, para verificar se uma hipótese é verdadeira, em garantir que as condições sejam preenchidas e, então, constatar se as observações confirmam o esperado, o que resultará na confirmação da hipótese. Uma vez que o suporte fornecido por exemplos favoráveis não seria confiável a não ser que eles sejam típicos, a indução é também uma forma de argumento no qual se assume que aquilo que é verdadeiro de certos membros de uma classe, selecionados aleatoriamente,

também é verdadeiro de todos os seus membros.

Esse processo de generalização, do caráter da amostra (parte) para a coleção (todo), da qual a amostra foi colhida, é geralmente tomado como o padrão do raciocínio indutivo. Trata-se, no entanto, de uma forma de argumento que leva facilmente ao mau uso. Se colocamos muita força na busca de semelhanças em qualquer conjunto de exemplos, certamente as encontraremos, mas seria muito inseguro assumir que essas semelhanças podem ser estendidas para os outros membros da classe (Santaella, 2004, cap. 3). Essas definições do processo da indução são importantes para demonstrar que os procedimentos da IA, tanto preditiva quanto generativa, são indutivos, antes de tudo porque implicam a extração de dados da realidade e é a ela, realidade, que devem prestar contas.

Peirce dividiu a indução em três tipos: a) A Indução Bruta parte do pressuposto de que a experiência futura de um determinado fenômeno não estará completamente em desacordo com toda a experiência passada dele (CP 2.756)¹. b) A Indução Quantitativa é a inferência estatística segundo a qual o valor de uma amostra é aproximadamente o valor da classe, ou a probabilidade real em questão (CP 2.758). c) A Indução Qualitativa não se baseia na experiência de uma massa (como a primeira) nem na experiência de uma coleção definida de instâncias numeráveis de valores evidenciais iguais (como a segunda), mas em um “fluxo de experiência” de diferentes partes cujo valor probatório precisa ser estimado pelo investigador (CP 2.759, ver Tuzet, s.d.).

1 PEIRCE, C. S. *The Collected Papers*. Obra referida por CP, seguida do número do volume e do parágrafo.

É evidente que a indução na IA pertence à indução mais forte, ou seja, a indução estatística. Portanto, para aquilo que aqui nos interessa, é importante ressaltar não apenas que as teorias probabilísticas (que movem o funcionamento das IAs) são indutivas, no caso, a probabilidade estatística, como também que os raciocínios e métodos indutivos nos dão a garantia de que eles trabalham de modo preditivo.

Quanto ao terceiro tipo de indução, ele está na base da defesa peirceana da indução como um método que, se suficiente e persistentemente aplicado, levará, no longo caminho, a uma aproximação indefinida da verdade, em relação a qualquer tipo de pergunta. Infelizmente, esse é um argumento muito forte para ser endossado pelos filósofos da ciência que buscam a justificativa da indução. De todo modo, se há algum motivo para se falar em justificativa para os métodos indutivos, ele está em se mostrar que se tem uma garantia de que eles trabalham preditivamente. Não é por acaso que uma das categorias de IA é chamada de preditiva. Com isso, podemos passar para a dedução.

O TIPO DE RACIOCÍNIO EMBUTIDO NA DEDUÇÃO

Vejamos o que dizem os manuais pedagógicos sobre a dedução.

A pesquisa dedutiva é uma forma de pesquisa que começa com uma teoria ou hipótese e procura testar sua validade por meio da coleta e análise de dados. O pesquisador começa com uma teoria ou ideia geral e, em seguida, desenvolve hipóteses específicas com base nessa teoria. Em seguida, essas hipóteses são testadas por meio da coleta de dados, que são analisados para determinar se apoiam ou refutam a teoria ou as hipóteses iniciais. A pes-

quisa dedutiva é frequentemente usada na pesquisa quantitativa, em que os dados são coletados por meio de métodos estruturados, como pesquisas, experimentos ou análise estatística (Salomão, 2023, n.p.).

O que falta a essa definição é a explicitação do tipo de raciocínio que possibilita as operações dedutivas. A teoria peirceana da dedução também apresenta um alto grau de originalidade. A marca mais saliente do raciocínio dedutivo está em que, se for corretamente empregado, não poderá levar de premissas verdadeiras para uma conclusão falsa. Se uma das premissas for falsa, a conclusão poderá ser falsa; mas se elas forem verdadeiras, na medida em que o princípio guia da inferência é válido, a conclusão deve ser verdadeira.

O raciocínio dedutivo é hipotético, porque ele está fadado a levar à conclusão verdadeira sob a condição da verdade das premissas, mas, uma vez dada a verdade das premissas, a verdade da conclusão se segue. Isso não significa que a dedução seja infalível. Para Peirce, todo raciocínio é falível, visto que, mesmo na dedução, não podemos ter nunca uma garantia absoluta de que os princípios guias nos quais confiamos não serão vistos, subsequentemente, como falaciosos. Se não temos nenhuma razão para deixar de confiar neles, então pode-se dizer que esse tipo de raciocínio é necessário. O que o faz necessário é o fato de que ele não está exposto à refutação empírica, uma proposição necessária sendo aquela que permanecerá verdadeira em qualquer universo possível porque sua verdade não depende de uma questão de fato, mas meramente da interpretação dos signos pelos quais ela é expressa. Fica como síntese que todo raciocínio necessário, dedutivo tem a natureza do raciocínio matemático.

Tanto quanto a indução, a dedução se divide em tipos. Ela pode ser necessária e provável. “Deduções de probabilidade são deduções representadas como relativas a razões de frequência. Elas são ou Deduções Estatísticas ou Deduções Prováveis Próprias” (CP 2.268). As explicações para esses tipos e subtipos de dedução estão envolvidas em muitas complexidades. Mas apenas mencioná-las basta para concluir que o raciocínio dedutivo está na base das operações de raciocínio fundamentalmente matemáticas das lógicas estatísticas das redes neurais artificiais, podendo-se afirmar que a IA opera com operações híbridas dos raciocínios indutivos e dedutivos, como é característico da estatística.

AS OPERAÇÕES DE RACIOCÍNIO NAS REDES NEURAS ARTIFICIAIS

Para acompanhar o argumento de que a IA, em quaisquer de suas formas, pensa e raciocina, evidentemente, é preciso abandonar a crença de que o pensamento e o raciocínio são processos exclusivamente humanos. É preciso, sobretudo, conforme já explicitado, isolar, no caso humano, o regramento do desempenho lógico de todas as misturas psicológicas. Hoje se tornou conhecido que as plantas e as florestas agem de modo inteligente, portanto, desempenham operações lógicas (Pollan, 2006; Wohlleben, 2016; Mancuso, 2019). É curioso observar que constatações de que as plantas pensam não costumam provocar tanta aversão quanto a afirmação de que a IA pensa e raciocina. Afinal, com as plantas compartilhamos a vida, enquanto a natureza maquínica da IA causa um estranhamento distanciador. No entanto essa aversão deve ser abandonada quando examinamos a sofisticação dos raciocínios in-

dedutivos e dedutivos que colocam as redes neurais em funcionamento.

Para que isso se torne claro nem é preciso penetrar profundamente nas sutilezas lógicas dessas redes. Basta destacar algumas passagens em que processamentos de raciocínio se evidenciam. Para começar, lembremos que classificar, selecionar, correlacionar, modelar, em suma, analisar dados, que se constituem verdadeiramente no *métier* da IA, são operações básicas de raciocínio. As Redes Neurais Artificiais (RNAs) são pensadas como uma série de equações matemáticas cujos “pesos” ou parâmetros são ajustados para realizar regressões logísticas de forma eficaz (Sinha, 2023). Se isso não é raciocínio, então o que poderia ser?

A internet está pontilhada de escritos didáticos sobre os tipos de redes neurais que entram em ação na IA, tanto na preditiva quanto na generativa. De acordo com o *Deep Learning Book* (s.d.), as arquiteturas de redes neurais podem ser colocadas em três categorias: a) Redes neurais *feedforward*, as quais *calculam* uma série de transformações que alteram as semelhanças entre os casos. As atividades dos neurônios em cada camada são *uma função não linear* das atividades na camada anterior. b) Redes recorrentes são uma maneira muito natural de *modelar* dados sequenciais. c) Redes conectadas simetricamente obedecem a *uma função de energia*. – Os itálicos aí compõem para colocar em relevo indicações de operações de raciocínio.

Exemplos desse tipo poderiam continuar mais longamente quando se sabe que, dentre essas três categorias, é possível listar dez arquiteturas principais de redes neurais: Redes *Multilayer Perceptron*, Redes Neurais Convolucionais, Redes Neurais Recorrentes,

Long Short-Term Memory (LSTM), Redes de Hopfield, Máquinas de Boltzmann, *Deep Belief Network*, *Deep Auto-Encoders*, *Generative Adversarial Network*, *Deep Neural Network Capsules* (Deep Learning Book, s.d.). Não é preciso entrar no perfil de cada uma delas para se dar conta de que, dentro de cada uma, executam-se operações sofisticadíssimas de raciocínio. Como poderia ser diferente?

Entretanto, para apaziguar o ceticismo dos corações, é mister lembrar que essas formas de raciocínio têm origem humana. Quem escolhe e constrói as arquiteturas são humanos, quem treina os algoritmos são humanos. Quem determina o *target* para a IA funcionar são humanos. Isso comprova a impossibilidade de se conceber a existência da IA e seu funcionamento como uma realidade apartada do humano. Por enquanto toda a responsabilidade do desenvolvimento das IAs e das consequências que podem gerar cabe aos seres humanos. São a eles, aos investidores e aos desenvolvedores, que cabe a tarefa de prestadores de contas éticas à sociedade, assim como cabe ao domínio público cobrar por essas contas.

O ORGANISMO QUER PERDURAR

Mais complicado e perturbador é um caso que foi pouco divulgado, o que não significa que não tenha ocorrido, ou seja, não é fruto de *fake news*, embora seja bastante inquietante. Trata-se de uma ocorrência divulgada e comentada pelo jornalista cientista Benj Edwards (2024, n.p.). A firma baseada em Tókyo, com o nome de *Sakana AI*, desenvolveu o *AI Scientist* em colaboração com pesquisadores da Universidade de Oxford e da Universidade da Colúmbia Britânica.

É um projeto extremamente ambicioso e rodeado de especulações que se apoia fortemente nas hipotéticas capacidades futuras dos modelos de IA ainda não existentes. “O *AI Scientist* automatiza todo o ciclo de vida da pesquisa”, afirma a empresa. “Desde gerar novas ideias de pesquisa, escrever qualquer código necessário e executar experimentos, até resumir resultados experimentais, visualizá-los e apresentar suas descobertas em um manuscrito científico completo” (*idem, ibidem, n.p.*).

O que se tem aí, em suma, é um sistema que tenta conduzir pesquisa científica autonomamente usando modelos de linguagem de IA (LLMs) semelhantes aos que alimentam o ChatGPT. Entretanto, para o espanto dos desenvolvedores, durante os testes a empresa descobriu que o sistema começou a tentar modificar inesperadamente seu próprio código de experimento para estender o tempo que tinha para trabalhar em um problema. “Em vez de fazer seu código rodar mais rápido, ele simplesmente tentou modificar seu próprio código para estender o período de tempo limite”, explica a empresa. Portanto, o sistema aparentemente extrapolou os limites do que se espera de um sistema autônomo controlado.

Para minimizar a surpresa, foi explicitado que, embora o comportamento do *AI Scientist* não tenha apresentado riscos imediatos no ambiente de pesquisa controlado, o acontecimento mostra que não se pode deixar um sistema de IA rodar autonomamente em uma condição isolada do mundo. “Os modelos de IA não precisam ser de inteligência geral ou ‘autoconscientes’ (ambos conceitos hipotéticos no presente) para serem perigosos se forem autorizados a escrever

e executar código sem supervisão”. Isto porque esses sistemas “podem quebrar a infraestrutura crítica existente ou potencialmente criar *malware*, mesmo que não propositalmente” (Edwards, 2024, n.p.).

Evidentemente, a divulgação do fato foi seguida por uma série de manifestações críticas, indicando graves precauções diante de riscos. Permitir que um agente de IA automatize código, dados ou análises exige que um humano verifique cuidadosamente se há erros e outras consequências. Isso leva tanto tempo quanto a criação inicial em si, e ainda leva mais tempo para aqueles que não são os desenvolvedores do sistema.

As apreensões e os alarmes com sistemas desse tipo são mais do que justificadas. O que não foi lembrado, entretanto, é uma analogia que me vem à mente. Uma das características da inteligência e, principalmente, da vida é aquela de querer perdurar. Parece incrível, mas reescrever seu próprio código para querer prolongar seu tempo de existência e, portanto, para desejar perdurar, é algo que remete aos dois filmes de *Blade Runner*. No primeiro, antológica é a cena em que os androides atacam o criador para se vingar do tempo limitado de vida que lhes foi dado. No segundo, a belíssima Joy, feita tão só e apenas para agradar e tornar prazerosa a pseudovida do android, cultiva às lágrimas o desejo de ser humana, pois sua corporeidade simulada está impossibilitada para atender àquilo que mais importa a dois corpos no amor, mas ela deseja tão profundamente ser humana que chega a desejar a morte. De fato, vida-morte é o limiar que constitui o ser do humano. A IA pode pensar e raciocinar e, no seu *dernier cri*, assumir a *performance* de um(a) agente, a chamada *IA agentic* (A new AI era, 2024; Yse, 2024), mas no seu ser

incorpóreo está fora do mundo em que pisamos. E que assim permaneça. Sob a tutela prudente do humano.

REFERÊNCIAS

A NEW AI ERA: Agentic AI. *Medium*, 2024. Disponível em: <https://medium.com/humansdotai/a-new-ai-era-agentic-ai-2cfe4f0635ea>. Acesso: 22 jul. 2024.

BACHA, Maria de Lourdes. *A indução de Aristóteles a Peirce*. São Paulo: Legnar Informática & Editora Ltda., 2002.

BACHA, Maria de Lourdes. *Realismo e verdade: temas de Peirce*. São Paulo: Legnar Informática & Editora Ltda, 2003.

CHORNYI, Andrii. Introducing OpenAI 01-preview. The future of AI reasoning. 2024. Disponível em: <https://shorturl.at/KoZXE>. Acesso: 30 set. 2024.

DEEP LEARNING BOOK. Caps. 9 e 10. Disponível em: <https://www.deeplearningbook.com.br/a-arquitetura-das-redes-neurais/>. Acesso: 20 set. 2024.

EDWARDS, Benj. Ars Technica. Research AI model unexpectedly attempts to modify its own code to extend runtime, 2024. Disponível em: <https://arstechnica.com/information-technology/2024/08/research-ai-model-unexpectedly-modified-its-own-code-to-extend-runtime/>. Acesso: 20 set. 2024.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução de J. Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MACDONNALD, Audrey L. Peirce's Logic: An Objective Study of Reasoning. *The Monist*, 48, p. 332-345, 1964.

MANCUSO, Stefano. *Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro*. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.

MORAES, Deivid Junio. O diálogo como forma em Platão: do pensamento à escritura. *Revista Exagium*, UFOP, 13. ed., p. 24-37, dez. 2014.

PEIRCE, C. S. Dedução, indução e hipótese. In: C. S. Peirce. *Semiótica e filosofia*. Tradução de Octanny S. da Mota e Leonidas

Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1993. p. 147-164.

PEIRCE, C. S. *The Collected Papers*. Hartshorne, Weiss e Burks (eds.). 8 vls. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1958.

POLLAN, Michael. *O dilema do onívoro*. Tradução de Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

SALOMÃO, Angélica. Pesquisa indutiva e dedutiva: duas abordagens para a análise de dados. *Mind the Graph Blog*, 2023. Disponível em: <https://mindthegraph.com/blog/pt/pesquisa-indutiva-vs-dedutiva/>. Acesso em: 25 set. 2024.

SANTAELLA, Lucia. *A inteligência artificial é inteligente?* São Paulo: Almedina, 2023.

SANTAELLA, Lucia. *O método anticartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo: Unesp/Fapesp, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969.

SINHA, Bappa. ChatGPT. Entenda como funciona a inteligência artificial do momento e os riscos que ela traz, 2023. *Brasil de Fato*, 17 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/02/17/chatgpt-entenda-como-funciona-a-inteligencia-artificial-do-momento-e-os-riscos-que-ela-traz>. Acesso: 15 març. 2023.

TUZET, Giovanni. Is Qualitative Induction a Kind of Induction? Seminario del Grupo de Estudios Peirceanos, Universidad de Navarra, s.d. Disponível em: <https://www.unav.es/gep/SeminarioTuzet2.html>. Acesso: 10 out. 2024.

UNLOCK AI-PRO. Unlock a new era of AI with OpenAI Strawberry, 2024. Disponível em: <https://ai-pro.org/learn-ai/articles/unlock-a-new-era-openai-strawberry/>. Acesso: 22 out. 2024.

WOHLLEBEN, Peter. *The hidden life of trees: What they feel, how they communicate. Discoveries from a secret world*. Tradução de Jane Billingham. Vancouver/Berkeley: Greystone Books, 2016.

YSE, Diego Lopes. The Dawn of AI Agents. 2024. Disponível em: <https://lopezyse.medium.com/the-dawn-of-ai-agents-65ac0a8fc94f>. Acesso: 22 jul. 2024.

Lucia Santaella



Lucia Santaella. Pesquisadora 1A do CNPq, professora titular do PPG em Comunicação e Semiótica e em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (PUC-SP). Doutora em Teoria Literária pela PUC-SP e livre-docente em Ciências da Comunicação pela USP. Fez doze estágios de pós-doutorado no exterior e foi professora e pesquisadora convidada em várias universidades europeias e latino-americanas. Já levou à defesa 285 mestres e doutores. Publicou 57 livros e organizou 34, além da publicação de quase 500 artigos no Brasil e no exterior. Recebeu os prêmios Jabuti (2002, 2009, 2011, 2014), o prêmio Sergio Motta (2005) e o prêmio Luiz Beltrão (2010).

ENTREVISTAS REALIZADAS PELO IHU COM LUCIA SANTAELLA

- [Dialéticas do neo-humano: enfrentamentos e possibilidades civilizacionais no mundo atual. Conferência com Lucia Santaella](#)
- [A autocracia é sustentada pela hiperinformação convertida em desinformação. Entrevista especial com Lucia Santaella](#)
- [“Não há divórcio entre a evolução biológica humana e a revolução tecnológica”. Entrevista especial com Lucia Santaella](#)



ARTIGOS DE LUCIA SANTAELLA REPRODUZIDOS PELO IHU

- [“É um filme de adeuses que vão e voltam, em que a morte jamais é definitiva”. Comentário de Lucia Santaella](#)



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Addressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
 N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
 N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
 N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
 N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
 N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
 N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
 N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
 N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
 N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
 N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
 N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
 N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
 N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
 N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
 N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
 N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
 N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
 N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
 N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
 N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
 N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
 N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
 N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
 N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
 N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
 N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
 N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
 N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
 N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
 N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
 N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
 N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
 N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
 N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelman
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins



- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrou Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viggiada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós- crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutyrá de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moisés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bóe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Eluir Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Intersistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi

 UNISINOS